

Algumas contribuições de Deleuze para pensar a sociedade de controle e o microfascismo

Some contributions of Deleuze to think about the society of control and microfascism

Flávia Cristina Silveira Lemos

Professora associada I em psicologia social/UFPA, PA-Brasil, Doutora em História Cultural pela UNESP, e-mail: flaviacslemos@gmail.com

Leandro Passarinho dos Reis Júnior

Professor adjunto I em educação/UFPA, PA-Brasil, Doutor em educação/UFPA, e-mail: lpassarinho28@gmail.com

Resumo:

O artigo visa pensar com Deleuze os acontecimentos, os quais nos atravessam como fascismos no presente. A crítica ao moralismo e ao legalismo bem como ao dever ser naturalizado é parte das análises realizadas nesse texto. Busca-se interrogar os ódios e ressentimentos, movimentados na política e na estética do terror, atualizados hoje. A produção da verdade tem uma história e as normas e leis também. Analisar a apropriação moral de relações e acontecimentos pelo uso estratégico de um jogo entre normas e leis operacionalizado por uma multiplicidade de instâncias de regulação social. No bojo dessas práticas, Deleuze ressaltou o surgimento da sociedade de controle como ampliação da vigilância, da lógica empresarial da vida, da crise das instituições e da utilização do marketing enquanto vetor de modulação da moral e do comércio de tudo e de todos, de forma antiética e fascista.

Palavras-chave: Fascismo. Subjetividade. Controle. Ética. Deleuze.

Abstract:

The article aims to think Deleuze events, which run through us as fascism at present. The critique of moralism and legalism as well as the duty to be naturalized is part of the analyzes in this text. Seeks to interrogate the hatreds and resentments, busy in politics and aesthetics of terror, updated today. The production actually has a story and the rules and laws as well. To analyze the moral ownership relations and events for the strategic use of a set of rules and laws operated by multiple instances of social regulation. In the midst of these practices, Deleuze said the emergence of the society of control as expansion of surveillance, the business of life logic, the crisis of the institutions and the use of marketing as vector modulation of moral and trade in everything and everyone, so unethically and fascist.

Keywords: Fascism. Subjectivity. Control. Ethic. Deleuze.

Introdução

O artigo surgiu do interesse em escrever a respeito das preocupações éticas, estéticas e políticas do presente, advindas pela análise de alguns processos e modos de subjetivação fascistas. A atenção mais central dessa perspectiva analítica, abordada nesse escrito nos permite trazer um destaque para o que se passa no presente vivido, na medida em que acontecimentos sectaristas e fundamentalistas atualizam práticas fascistas.

Deleuze e Guattari (1995) analisaram os microfascismos presentes em nós, na atualidade, apontando os retornos das práticas, marcadas pela paranoia como vetor do ódio e perseguição por meio da moralização dos corpos. Assim, objetiva-se nesse artigo articulado como um ensaio pensar alguns microfascismos atualizados, tendo em Deleuze, Guattari e Foucault intercessores importantes nesse mapa de forças múltiplas e heterogêneas.

Ao abordar aspectos constituintes da sociedade de controle, Deleuze (1992) assinalou que o controle em meio aberto operava instantaneamente, por modulações velozes, produzindo subjetividades endividadas e empresariais. Tudo se tornaria mercado, investimento e marketing. Ainda frisava o quanto as marcas ganhariam a expressão de signos das relações e dos corpos, mediando processos de subjetivação pautados na racionalidade empresarial. O mercado seria o agenciador das maneiras de viver e pensar, a partir da compra e venda de serviços a todo instante.

Ora, observa-se o quanto o racismo, a eliminação da diferença, o ostracismo social e político, a censura, a diminuição da comunicação em prol do aumento do marketing e o empresariamento das subjetividades e das relações passa a figurar enquanto governo da vida das populações (Foucault, 2008). A gestão das condutas em prol de uma vida empresa a conduzir espraia-se concomitantemente à valorização da vida, adjetivada por uma qualidade assinalada como um “bem viver”, organizado e administrado por técnicas e consumos/investimentos, ofertados pela publicidade, pelas prateleiras do mercado da saúde e da assistência dos especialistas das normas.

A vida, ao ser entendida como comércio perde em sua possibilidade de experimentar eticamente a existência das relações afetivas, sociais, de trabalho e as esferas de direitos civis, políticos e sociais. O mercado dos direitos se tornou um marco agenciado pelo

neoliberalismo, nas últimas décadas, sobretudo, no que tange às políticas compensatórias, voltadas aos mínimos sociais.

Com efeito, em meio à mercantilização de todos os acontecimentos, das relações e da vida, a ética foi perdendo espaço para a proliferação dos microfascismos e utilitarismos tecnicistas; sendo que, tanto a estética quanto a política passaram a figurar como operadores instrumentais da lógica empreendedora de mercado (Foucault, 2008).

No prefácio do *Anti-Édipo*, Foucault destacou a importância de Deleuze e Guattari para a criação de mecanismos, os quais favoreceriam as resistências na batalha face à ampliação dos fascismos, na sociedade contemporânea. Entre os adversários de uma vida ética estão, para Foucault (1995): os que são políticos profissionais, os militantes morosos, os terroristas da teoria, os preservadores da ordem pura da política e do discurso político e ainda acresceu os burocratas da revolução e os funcionários da Verdade.

Cotidianos microfascistas: subjetividades vigilantes e controladoras

Com efeito, no bojo das práticas fascistas, é possível apontar o quanto a ética tem sucumbido face aos seus inimigos contemporâneos (Costa, 1997). Entre os inimigos que fissuram a ética estão aqueles que se recusam a crescer e não querem correr riscos; os que vivem entorpecidos pelos usos indiscriminados dos psicotrópicos; aqueles que respiram ódios e ressentimentos; aqueles que vivem como propagadores dos sectarismos e fundamentalismos; por fim, existem os que sucumbem à submissão medíocre da obediência cega às encomendas mercantis dos afetos e das relações sociais sem abrirem espaço ao pensar o que se passa consigo e com os outros.

Na literatura, há correlatos do fascismo, atravessando corpos e modulando subjetividades, basta ver o *Alienista*, em Machado de Assis (1998), obcecado por aprisionar pessoas na Casa Verde, ao final do século XIX, no Brasil. Se lemos *Holocausto Brasileiro*, de Arbex (2013), em sua narrativa das práticas cotidianas de violência e terror no hospital psiquiátrico de Barbacena, em Minas Gerais podemos entender o que analisava Machado de Assis em seu conto. Desse modo, é possível articular os acontecimentos descritos por Arbex com certa proximidade à literatura de Machado de Assis, sobretudo, em *O Alienista*, pois, a Casa Verde se tornou um local de internação generalizada de todos os diagnosticados pelo

doutor Simão Bacamarte da cidade em que residia. A prisão/internação se dava por critérios os mais corriqueiros, em geral, os baseados em estereótipos e preconceitos.

Outro exemplo-analisador pode ser vislumbrado no conto *A Metamorfose*, no qual Kafka (2000) destaca o peso do sofrimento no trabalho repetitivo e os efeitos da precarização do emprego em uma sociedade da pasteurização dos atos, destituídos de sentido, carregados de automatismos e repetições enfadonhas. Já, no conto *Uma pequena mulher*, Kafka assinala a repetição da dor de uma mulher, agenciada por um ciclo de relações amortecidas pelo tédio, baseadas em reclamações sem fim, também marcadas pela desqualificação dos outros, em especial, na relação conjugal. Essa mulher não cessa de inferiorizar seu companheiro, todavia, não o deixava e, ao permanecer nessa relação, afirmava uma sobrevida. Se dos personagens de Kafka, um viajante de negócios consegue encontrar uma rota de fuga, ao se transformar em um inseto, a pequena mulher parece fechar-se em uma rota persecutória, sem notar que gira em círculos de repetição, perdendo o fôlego.

A família, o hospital e o trabalho entram em crise, nas sociedades de controle, de acordo com Deleuze (1992) e, os contos de Kafka ressaltam as crises dessas instituições. Nos contos, assim como na sociedade de controle, a dívida se tornou um operador dos agenciamentos fascistas, baseados na perseguição à produção da diferença. Assim, a vingança-dívida materializa a vigilância-sobrevida e dispara controles microfascistas em diferentes espaços-tempos e relações sociais.

Por isso, o ódio é um ato reativo, anda junto com a justiça vingativa e elimina a ética como dimensão da vida, em potência afirmativa. O juízo e a justiça, baseados na moral, travestida de verdade imparcial, absoluta e retributiva aciona a mediação da consciência culpada e amargurada como vetor modulador da vigilância da sociedade de controle. Portanto, a ampliação dos microfascismos, em nosso cotidiano, em cada ato de sanção, de exame, de observação vigilante, de controle do tempo e do espaço funciona não apenas nos tribunais do Poder Judiciário, mas estende-se nas adjacências dos julgamentos normalizadores (Foucault, 1996). As desqualificações e julgamentos são realizados em nome da solução de problemas tomados sob o foco moralista e legalista, ou seja, ordem e lei.

Em *Bergsonismo*, Deleuze (2008) apontou como a resposta a uma crise implicava em deslocar as problematizações, ou seja, alterar as perguntas, pois, uma determinada pergunta pressupõe certa resposta e solução. A maior parte das maneiras de responder aos problemas não questiona as perguntas feitas, o que impede o processo de interrogar os acontecimentos e

a desnaturalização das respostas que comprometem a dimensão ética, estética e política da existência.

A visão de uma receita proposta já traz o viés da resposta chavão, do clichê chapado, da vertente simplista de uma solução de marketing, do mercado e do utilitarismo, na sociedade de controle, materializada no neoliberalismo, racionalidade que criou solo para a emergência da vigilância meio aberto se espriar como tecnologia veloz de gestão dos corpos, operando pelo capitalismo financeiro especulativo (Deleuze, 1992).

A imagem de um moralista, legalista, com muita informação e empreendedor é uma das figuras que passa a ser comercializada e usada, frequentemente para auferir lucros em meio a uma sociedade de vigilância intensa e em crise com suas instituições seculares, tais como: a escola, a família, a fábrica, o hospital. A tentativa em suposição de resposta social à crise institucional é a receita moralista e legalista dos controles exacerbados e das punições aumentadas sem precedentes.

Alguns signos analisadores do fascismo, por exemplo, podem ser: os usos da bandeira nacional, a evocação de defesa da pátria e do patriotismo contra os partidos de esquerda; o hino nacional cantado nos campeonatos de futebol, a visão de nação contra a corrupção como uma limpeza; a utilização de uniformes da seleção brasileira de futebol em manifestações nas ruas; a exibição de faixas e cartazes com imagens e escritos preconceituosos e de intensa discriminação negativa; a produção do autoritarismo pelas reportagens das grandes mídias; a aprovação de projetos de lei e projetos das emendas constitucionais, visando acabar com princípios garantistas de uma constituição, entre outros.

O ódio contra pobres, negros e mulheres ganha vulto na raiva contra a denominada esquerda brasileira, em parte em função da criação das políticas sociais voltadas aos grupos sociais que foram historicamente discriminados negativamente. Em resistência às práticas citadas, emergem novos movimentos sociais. Conselhos de direitos, conselhos profissionais, associações científicas, lideranças da América Latina, movimentos negro e feminista, universidades e líderes da teologia da libertação entre tantos outros movimentos se posicionam, emergem no campo de forças e agem, deslocando as práticas de condução da vida.

Classificações como esquerdopata, comunista, subversivo, nordestino burro, corruptos, falas de desqualificação machistas, coxinhas, clamores punitivistas, preconceitos e violências se irradiam como prática cotidiana, em confrontos constantes movidos pelos

ressentimentos, pela busca de privilégios e não de direitos, pela disputa de interesses usando argumentos morais. Um ódio de classe e execração pública massiva da definida esquerda brasileira ganha um vigor assustador e foi acompanhado de racismos e discriminações regionais e locais contra pobres, contra mulheres e militantes de partidos e/ou movimentos sociais.

Mas, o maior inimigo é o fascismo, sobretudo aquele que está em nós, que nos atravessa e mobiliza a amar o poder que nos domina e explora. Também ressalta o quanto deve-se buscar a liberação de uma ação política não paranoica e totalizante e ainda aconselha a não se apaixonar pelo poder (Foucault, 1995). Ora, a paixão pelo poder ofusca a perspectiva de reciprocidade e solidariedade, impedindo vínculos de compromisso e ética nas relações. Em nome da manutenção de cargos, lugares de prestígio e fortunas vende-se tudo e a todos, repetem-se morais sem a mínima preocupação da difusão de imagens comercializadas para interesses privados e financeiros.

Deleuze (2002), ao problematizar a contribuição de Espinosa para a filosofia prática, afirma que a ética não pode ser da ordem de um natural a ser obedecido e sim das relações analisadas, em posicionamentos enquanto experimentações e não modelos a imitar. A moral é um dever ser a repetir e a naturalizar como bem e mal e/ou certo e errado, diferentemente da ética, a qual possibilita práticas de liberdade e desnaturalização por meio da história aconteci mental.

Quando há o interesse em tornar determinados grupos inferiores e diminuir a potência de ação dos mesmos, usa-se de tecnologias fascistas para fazer valer privilégios e fechamentos de acessos às oportunidades aos que passam a ser definidos como os autóctones da República (Castel, 2008). Se o lucro é maior ao violar direitos e/ou negá-los a determinados grupos, assim, se faz na sociedade de controle, pela difusão das normas biopolíticas de segurança, baseadas no racismo de sociedade e de Estado, enquanto máquina de fazer viver alguns e deixar morrer outros, do modo mais cínico da defesa social e da noção de segurança nacional e governabilidade.

O marketing e a dívida social na esfera da justiça passaram a mover parte da locomotiva da sociedade de controle com o acréscimo da crise das instituições modernas, com a preocupação excessiva em se destacar de outrem pela noção de superioridade e, por fim, pela complexidade de vetores que constituem os mercados internacionais e seus efeitos locais, regionais e nacionais. Assim, a disputa ganha mais importância do que a ética na política e a

estética instituída é a da violência e não a do cuidado e da criatividade em prol do pensar e agir como prudência, zelo, saída da menoridade em busca da construção do bem comum sem querer moldar o desejo do outro.

Conclusões

Em *Introdução para uma vida não fascista*, Foucault (1993), destacou o problema para a ética de passarmos a não acreditar no possível, na atualidade e ressaltou como essa descrença faz proliferar fascismos de toda sorte. É tão comum a visualização dos fundamentalismos e sectarismos como prática fascista, Foucault nos alerta para outras figuras que maquinam microfascismos, no cotidiano e as pistas dele nos auxiliam a observar os funcionários da verdade, ou seja, especialistas, participando das práticas não éticas de existências, também.

Portanto, essa pista é diferenciada e podemos segui-la como um analisador das universidades, centros de pesquisa, na política e no plano da criação, no presente. O fascismo também é operacionalizado pelos agenciamentos binários e pela paranoia presente da ação política totalizante e de caráter unitário. Ora, a ética opera um deslocamento desse tipo de prática e, por isso, é tão combatida pelos moralistas da ordem dogmática na política e na ciência.

Assim, como mecanismo de resistência, a prática política ganhará mais se for acionada pela multiplicidade, pela singularidade, pelo agenciamento maquínico do desejo enquanto disjunção e proliferação. Por fim, não apaixonar pelo poder nem agir em um grupo como conjunto de indivíduos hierarquizados é um alerta de Foucault para todos nós, pois, estamos todos de algum modo atravessados pelo microfascismo e necessitamos nos avaliar no aspecto ético da existência e das relações constantemente.

Com efeito, para ser militante não é preciso ser triste e sisudo, é possível lutar e resistir sem entrar no estereótipo de raivoso e do ressentido tão persecutório quanto aquele que ele combate no plano binário da oposição entre supostos grupos totalizantes das subjetividades. Concluindo, a ética pode sucumbir aos vetores ágeis e empresariais das sociedades de controle, as quais tentam a todo instante empresariar as lutas, realizar investimentos nos desejos e nas resistências, visando obstruir as passagens de produção da diferença e

modulando a vida pelas regulações do marketing na compra e venda de serviços *fast food*-entretenimento/tecnicismo-utilitarista/mercado-dos-direitos.

Resistir passa pela fuga à retórica e da manipulação é fundamental face ao apelo manipulador da indústria cultural e das práticas sociais que capturam modos de ser, de sentir e de pensar pelo desencorajamento do franco falar e da ação política transversal. A prática política pode ser um intensificador do pensamento e não uma referência de verdade sacralizada a obedecer e a repetir, ainda pode ser liberada dos vetores ancorados no negativo enquanto falta, lacuna, lei etc.

Referências

- ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Editora Geração 2013.
- ASSIS, Machado. *O Alienista*. São Paulo: L&PM, 1998.
- CARVALHO, J. M. de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CASTEL, R. *A discriminação negativa: cidadãos ou autóctones?* Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.
- COSTA, J. “A ética democrática e seus inimigos: o lado privado da violência pública”. In: Nascimento, E. P. do (org.). *Brasília: capital – o século XXI – Ética*. Rio de Janeiro/Brasília: Garamond/Codeplan, 1997, pp. 67-86.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2008.
- DELEUZE, G. & Guattari, F. *Mil platôs*. Volume III. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- FOUCAULT, M. *Cadernos de Subjetividade*. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. – v. 1, n. 1 (1993) – São Paulo, 1993 [páginas 197 a 200].
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 1996.
- FOUCAULT, M. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- KAFKA, A *Metamorfose*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2000.